



*Carta sobre Espinosa**

FRIEDRICH NIETZSCHE



Num livro recente, a psicanalista Maria Rita Kehl afirma que Espinosa “representou, para o século XVII, o mesmo espírito demolidor de crenças e ortodoxias que Nietzsche, para o XIX.”¹ Quer dizer, sem embargo das diferenças e de todas as dissimilitudes perceptíveis logo à primeira leitura, preservadas as peculiaridades e idiosincrasias, o holandês Bento de Espinosa e o alemão Friedrich Nietzsche, cada um a sua época, desempenharam para a história da filosofia e da cultura um *mesmo* papel; convergindo, pois, se não em teses, ao menos num certo “espírito”, que é aquele de um *trabalho crítico* monumental a lhes permitir pôr em xeque a nossa civilização, em particular aquela conhecida no Ocidente e amplamente marcada pelo judaísmo-cristianismo. Até certo ponto, não é algo diferente daquilo que já afirmara Deleuze quando, ao avaliar retrospectivamente seu trabalho em história da filosofia e sem abrir mão do privilégio que sempre concedeu nessa história às singularidades, confessava que “tudo tendia para a grande identidade Nietzsche-Espinosa”.²



* Tradução de Homero Santiago.

Sob tal perspectiva, não é de admirar que a muitos tenha parecido grande interesse estudar e aprofundar as possíveis convergências entre as filosofias de Espinosa e de Nietzsche. Trata-se de uma aproximação que não é sem proveito para aqueles que têm em mira a formulação de um programa filosófico da imanência radical que, em nosso tempo, possa encontrar naquelas filosofias poderosos exemplares do pensamento crítico e emancipatório. Na luta contra a transcendência, espalhada em toda parte sob variadas formas, seria mesmo um desperdício deixar de avaliar em conjunto a herança dos melhores combatentes.

Nossa intenção aqui é oferecer ao leitor um documento de primeira ordem (e que, salvo engano de nossa parte, desconhece versão portuguesa em sua integridade) em tudo que se refere às relações entre os dois filósofos em questão: o bem conhecido texto que Nietzsche envia a seu amigo Franz Overbeck em 30 de julho de 1881, sobre um cartão-postal, dando conta de suas leituras sobre o espinosismo e algumas conclusões que elas lhe inspiram.

Em meados daquele ano, *Aurora* acaba de sair, Nietzsche está instalado em Sils-Maria e prestes a ter uma primeira intuição do eterno retorno que marca o início da concepção do *Zarathustra*³; entre uma e outra solicitação que faz a amigos:

ele pede a Overbeck retirar-lhe da biblioteca da Basileia dois volumes de Hellwald: *História da civilização e A Terra e seus habitantes*, bem como “o volume de Kuno Fischer sobre Espinosa”. Nietzsche já havia recorrido mais de uma vez à *História da filosofia moderna* do professor de filosofia de Heidelberg Kuno Fischer (1824-1907), assim como sem dúvida a suas conferências de 1860, *A vida e a obra de Kant e I. Kant, evolução, sistema e história da filosofia crítica*; era essencialmente a Fischer que devia seu conhecimento de Kant. Pois ele igualmente se recordou da exposição consagrada por Fischer à filosofia do grande pensador solitário, posto à margem da comunidade judaica em razão de suas idéias heréticas e de suas simpatias pelas “Luzes”, Baruch de Espinosa. Quis então retomar esse livro, cuja segunda parte do primeiro tomo era consagrada à “Escola cartesiana”, e particularmente a Espinosa. Overbeck atendeu o pedido imediatamente e Nietzsche se lançou sem mais demora nessas leituras.⁴

Pelo menos no que concerne à leitura de Kuno Fischer, o resultado será extraordinário, como atesta o postal remetido ao amigo que lhe fizera a gentileza de conseguir o livro. Chegará Nietzsche a escrever várias outras passagens sobre Espinosa, em geral críticas,⁵ mas nenhuma atingirá a importância dessa confissão emocionada do encontro e da identificação, para lá das “diferenças enormes”, entre os dois pensadores. Para alguém que, “sempre que detectava algum parentesco (...), ficava muito animado e feliz”,⁶ o efeito da descoberta não foi pequeno, deve ter produzido inclusive um alívio físico importante em dias marcados pela doença. A respeito, o alemão poderia dizer o mesmo que outrora afirmara, com admiração, após a leitura de *A origem dos sentimentos morais* do amigo Paul Rée: “vejo o meu próprio eu ampliado e projetado para fora”.⁷

Pudera. De um lado, há uma convergência doutrinária claramente estabelecida que, não obstante o caráter negativo das teses (“ele nega...”), serve à delimitação de um terreno comum que, positivamente, é o trabalho de desmonte da maneira vulgar de conceber ao mundo e a nós mesmos. De outro lado, o texto deixa salientar uma incontida alegria; uma confluência, não uma influência, que tem o dom de efetuar a passagem da *solidão* para a *dualidade* de dois pensadores solitários em sua radicalidade. Não é pouco. A alegria do encontro é

aquela de um combatente que, no meio de uma guerra, num terreno inóspito, quando entrincheirado e com balas zunindo sobre a cabeça, topa com um companheiro de luta, alguém solidário nos pensamentos e na própria solidão. Para dizer em poucas palavras, um companheirismo no *trabalho crítico*.

O texto alemão aqui oferecido e sobre que se baseou a tradução foi retirado de Nietzsche, *Sämtliche Briefe*, Walter de Gruyter, Berlim & Nova Iorque, 1986, vol. 6, p. 111. Como instrumentos de comparação nos servimos da tradução inglesa de Christopher Middleton (*Selected letters of Friedrich Nietzsche*, Indianapolis & Cambridge, Kackett, 1996) e dos artigos de André Martins (“Nietzsche, Espinosa, o acaso e os afetos. Encontros entre o trágico e o conhecimento intuitivo”, *O que nos faz pensar*, nº 14, 2000) e de Luciana Zaterka (“Conatus e Vontade de Potência: semelhanças e dessemelhanças”, *Cadernos Espinosanos*, nº 2, 1997), ambos trazem em vernáculo trechos substanciais da carta nietzschiana. Cabe observar também que uma primeira versão deste trabalho foi utilizada no curso intitulado “Espinosa, Nietzsche: o trabalho crítico”, oferecido no segundo semestre de 2006 aos alunos do vespertino do primeiro ano de filosofia da Universidade de São Paulo; a eles, gostaria de agradecer uma primeira leitura que ajudou no aperfeiçoamento do resultado.

Friedrich Nietzsche
An Franz Overbeck in Basel (Postkarte).

[Sils-Maria, 30. Juli 1881]

Ich bin ganz erstaunt, ganz entzückt! Ich habe einen Vorgänger und was für einen! Ich kannte Spinoza fast nicht: daß mich jetzt nach ihm verlangte, war eine „Instinkthandlung“. Nicht nur, daß seine Gesamttendeuz gleich der meinen ist — die Erkenntniß zum mächtigsten Affekt zu machen — in fünf Hauptpunkten seiner Lehre finde ich mich wieder, dieser abnormste und einsamste Denker ist mir gerade in diesen Dingen am nächsten: er leugnet die Willensfreiheit —; die Zwecke —; die sittliche Weltordnung —; das Unegoistische —; das Böse —; wenn freilich auch die Verschiedenheiten ungeheuer sind, so liegen diese mehr in dem Unterschiede der Zeit, der Cultur, der Wissenschaft. In summa: meine Einsamkeit, die mir, wie auf ganz hohen Bergen, oft, oft Athemnoth machte und das Blut hervorströmen ließ, ist wenigstens jetzt eine Zweisamkeit. — Wunderlich! Übrigens ist mein Befinden gar nicht meinen Hoffnungen entsprechend. Ausnahmewetter auch hier! Ewiges Wechseln der atmosphärischen Bedingungen! — das treibt mich noch aus Europa! Ich muß reinen Himmel monatelang haben, sonst komme ich nicht von der Stelle. Schon 6 schwere, zwei- bis dreitägige Anfälle!! — In herzlicher Liebe

Euer Freund.

Nietzsche

A Franz Overbeck na Basileia (cartão-postal).

[Sils-Maria, 30 de julho de 1881]

Estou inteiramente espantado, inteiramente encantado! Tenho um *precursor* e que precursor! Eu não conhecia quase nada de Espinosa; que eu agora ansiasse por ele foi uma “ação do instinto”. Não só, que sua tendência geral seja idêntica à minha — fazer do conhecimento o *afeto mais potente* — em cinco pontos capitais de sua doutrina eu me reencontro, este pensador, o mais fora da norma e o mais solitário, me é o mais próximo justamente nestas coisas: ele nega o livre-arbítrio —; os fins —; a ordem moral do mundo —; o não-egoísmo —; o mal —; se certamente também as diferenças são enormes, isso se deve mais à diversidade de época, de cultura, de ciência. In summa: minha solidão, que, como sobre montes muito altos, com frequência provocou-me falta de ar e fez-me o sangue refluír, é ao menos agora uma dualidã. — Maravilhoso! Aliás, meu estado de saúde de forma alguma corresponde às minhas esperanças. Tempo excepcional também aqui! Eterna variação das condições atmosféricas! — isso me leva ainda a deixar a Europa! Preciso ter céu *limpo* durante meses, senão eu não consigo avançar. Já 6 acessos graves, com duração de dois a três dias!! — Afetuosamente

Seu amigo.